



Texto Síntese

GT 3 – “Feminismos, Ancestralidade e Agroecologia”

Coordenação:

Luana Brito - Luanade Brito

REDESSAN (Rede de Mulheres Negras para Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional) e Graduanda em Ciências Sociais /UFRGS

Luiza Cavalcante Santos Dias

Sítio Agatha e Rede de Mulheres Negras de Pernambuco

O III Colóquio Internacional Feminismo e Agroecologia apresenta-se com o objetivo de promover reflexões sobre “Feminismo” e Agroecologia a partir de uma abordagem de gênero e em diálogo com diferentes fontes de conhecimentos e experiências apresentadas por organizações científicas, da sociedade civil e entidades de extensão rural, na busca de subsídios que promovam reflexão na academia, em movimentos sociais e inserção nas políticas públicas. Será realizado de 08 a 11 de abril de 2019 na UFRPE, em Recife, com o tema Trabalho, Cuidados e Bens Comuns.

Nesse sentido, um coletivo de pesquisadoras, educadoras, agricultoras e outras profissionais se reuniram para propor um GT voltado para discutir, visibilizar e aprofundar as especificidades das Mulheres Negras e Mulheres Indígenas do Campo, Cidade, Floresta e Águas a partir do seu lugar de fala e de suas origens.

O Grupo de Trabalho “Feminismos, Ancestralidade e Agroecologia” nasce dessa articulação feminista afro-indígena agroecológica tendo como objetivo visibilizar as múltiplas expressões dos feminismos e de resistências das mulheres negras e indígenas, além de refletir coletivamente sobre como os referenciais e as práticas ancestrais estão articulados por diversas mulheres negras e indígenas no protagonismo da construção agroecológica.

O GT entende pela prática e experiências advinda do ativismo das integrantes, que feminismo não é constituído por uma única história, mas por uma multiplicidade de histórias, algo que levou Ella Shohat (Maluf e Costa, 2001) a afirmar que devemos falar em feminismos no plural, pois não se trata de um monólito homogêneo. Como um campo marcado por disputas, em sua história oficial branca e hegemônica o feminismo perfila-se junto a uma narrativa eurocêntrica e a categoria gênero historicamente utilizada de forma restrita, ainda quando associada à dimensão de classe, ignorando ou subordinando os demais. Enquanto feministas as mulheres negras e indígenas reivindicavam teorias próprias, criticando os universalismos que equivocadamente homogeneizam as mulheres. E é com esta perspectiva que o GT 03 Feminismos, Ancestralidade e Agroecologia se apresenta para visibilizar as múltiplas expressões dos feminismos e das resistências das mulheres negras e indígenas, além de refletir coletivamente sobre como os referenciais e as práticas ancestrais estão articulados por estas mulheres no protagonismo da construção agroecológica em nossos territórios.

O GT elegeu vinte e um trabalhos alguns dos quais não mencionaram explicitamente a dimensão de raça. Mas, a Coordenação do GT 03 entende que este fato enriquecerá o debate e reflexões para que entendamos segundo Dyarley Vianna, 15/03/2019, na publicação do Inesc, Mulheres que lutam para serem reconhecidas como humanas: “é preciso observá-las com um olhar de humanidade, só assim será possível construir uma sociedade justa, inclusiva e igualitária. Toda essa estrutura racista precisa ruir, pois elas, mulheres negras e indígenas, detêm em mãos e ações a melhor política: acolher, cuidar, proteger, reconhecer a humanidade em corpos, gêneros e cores diversas. Vida, luta e terra são palavras



femininas, sem as quais nenhum só dia é possível. Os impactos sociais, emocionais e econômicos do racismo institucional são grandes, porém maiores têm sido o fazer e tecer. Humanas, combativas e ativas. Assim nascem e renascem Negras, Indígenas, Mulheres, humanas”.

É inegável e comprovada através da história do Brasil, a participação intensa das mulheres negras nas atividades econômicas, políticas e sociais do país. Mas, apesar desta participação a mulher negra ainda passa por discriminação e violação contra o seus direitos humanos, inclusive os básicos. Segundo Carmen Dora Ferreira, 2014 “Caminhamos para a conquista de direitos sociais e efetiva participação na sociedade e na administração pública em todos os seus níveis. Mas a igualdade de oportunidade para a mulher negra ainda não está plenamente contempladas nessa ascensão.”

É importante elencar os obstáculos para a igualdade de gênero e relatar as propostas e mecanismos que mulheres negras e mulheres indígenas ao longo de nossa história relatando e afirmando ações que assegurem os direitos e visibilizem a atuação no campo, na cidade, na floresta e nas águas fortalecendo a agenda relacionada à Agroecologia. É importante salientar que o fortalecimento da autonomia econômica e produtiva está em assegurar a realização dos nossos direitos de mulheres negras e mulheres indígenas. Entretanto, as discriminações e o racismo são fortes obstáculos para a realização desses direitos.

Considerando as históricas contribuições na construção da Sociedade Brasileira marcada, porem pela invisibilidade é de fundamental importância podemos identificar os principais objetivos e estratégias necessárias para mudanças com garantia dos direitos humanos, inclusão social, convergência de padrões de vida e alcançar igualdade de direitos. A desigualdade e outras formas de discriminação violam os padrões universais de justiça. O GT 03 propõe a conduzir o debate incluindo os paradigmas do desenvolvimento e sua relação direta com as Mulheres Negras e Mulheres Indígenas; aprofundar o debate sobre direitos humanos; refletir, analisar e contribuir sobre políticas de igualdade de direitos; discutir e apoiar rumos de garantia ao acesso das mulheres negras e mulheres indígenas em postos de tomada de decisão, aos programas de políticas compensatórias e a bens e serviços. E de buscar espaço para uma sociedade plural, dar continuidade ao diálogo e convergência com outras redes e articulações, levando os legados dos antepassados recuperando as experiências a partir de uma leitura crítica sobre gênero, raça e ancestralidade na Agroecologia, tais como: Promover alimento, a água, a terra, território e territorialidade são direitos fundamentais que se revelam em muitas áreas do conhecimento; Reconhecer as experiências e que as mesmas devem ser acompanhadas pela discussão da necessária valorização da participação social e política e que inclua a perspectiva feminista das Mulheres Negras e das Mulheres Indígenas; Reconhecer que as Mulheres Negras e Mulheres Indígenas são as principais produtoras de cultivos básicos que alimentam as populações mais empobrecidas e são as mais atingidas pela fome; Legalizar a habilidade ancestral na Agroecologia; Falar em Agroecologia é falar e reconhecer as Mulheres Negras e Mulheres Indígenas como guardiãs dos saberes e fazeres ancestrais; Reconhecimento e visibilidade das Comunidades Rurais Negras, Comunidades Quilombolas e Comunidades Rurais Indígenas; Enfrentamento ao Racismo, Racismo Institucional, Racismo Introjeto e todas as formas de Discriminações.

Proposta Metodológica

O trabalho do GT3 será realizado a partir de duas dinâmicas metodológicas diferentes, Mesas de diálogos no primeiro dia e Roda de Convergência no segundo Dia.



As Mesas de Diálogos no primeiro dia têm o objetivo de realizar a apresentação e discussão de 07 trabalhos, sendo 03 pela manhã e 04 pela tarde¹. Cada apresentação deverá ser de 15 minutos, abrindo para no máximo 10 intervenções de 3 minutos. Depois de todas as apresentações abre para as considerações finais e encaminhamentos. A coordenação do GT finaliza com as conclusões.

As Rodas de Convergência previstas para o segundo dia são rodas de conversa com os 14 trabalhos selecionados. A sugestão é que sejam apresentados em 02 subgrupos com 07 trabalhos cada, sendo apresentados concomitantemente em espaços diferentes. Cada autoria terá 10 minutos de apresentação conversando entre si sobre as convergências de seu trabalho com o tema do GT3 e depois o círculo maior fará debates de acordo com inscrição. Primeiro círculo os sete apresentadores, segundo círculos 10 inscrições com 2 minutos e depois mais 2 minutos para a finalização de cada autoria.

PRIMEIRO DIA
MANHÃ
Mesa de Diálogos 1
<p>1.1. A RESISTÊNCIA DA MULHER CAMPONESA NA TRANSFORMAÇÃO AGROECOLÓGICA: RELATOS DE UMA EDUCANDORA DO CAMPO, NO ACAMPAMENTO RENASCER – DF</p> <p>1.2. O PROCESSO DE EMPODERAMENTO DAS MULHERES DA COMUNIDADE DA BEIRA DO RIO LAJE BAHIA</p> <p>1.3. SEM FEMINISMO NÃO HÁ AGROECOLOGIA: UMA ANÁLISE DA PARTICIPAÇÃO DE LIDERANÇAS DE MOVIMENTOS SOCIAIS NA PLENÁRIAS DAS MULHERES NO IV ENA</p>
TARDE
Mesa de Diálogos 2
<p>2.1. ERVAS MEDICINAIS: SABER E PRÁTICA NO FAZER FEMININO</p> <p>2.2. O SAGRADO FEMININO: PODER QUE VEM DE DENTRO - DESPERTAR, CURA E EMPODERAMENTO DE MULHERES</p> <p>2.3. SABERES E PRÁTICAS ALIMENTARES ANCESTRAIS PARA GARANTIA DA SOBERANIA E SEGURANÇA ALIMENTAR DE MULHERES QUILOMBOLAS</p> <p>2.4. RELATO DE EXPERIÊNCIA DO FORUM SOCIAL MUNDIAL: Território Feminismos e Luta das Mulheres Negras pela Segurança Alimentar e Nutricional (SSAN)</p>
SEGUNDO DIA
MANHÃ
Roda de Convergência 1
<p>3.1.1. HORTA COMUNITÁRIA “JOVENS DE CAPIVARI”</p> <p>3.1.2. TESSITURAS E FUXICOS: CONVERSANDO COM TRABALHADORAS RURAIS FEMINISTAS</p> <p>3.1.3. DIÁLOGOS COM A ANCESTRALIDADE PELA SAÚDE E O BEM VIVER de PARINTINS, AM</p> <p>3.1.4. A IMPORTÂNCIA DA AGROECOLOGIA NA VIDA DAS MULHERES CAMPONESAS DO GRUPO AMHO DE ITAIÓPOLIS/SC</p> <p>3.1.5. OȘÛPÁ: CLĂ DA LUA NOVA TRADICAO E EKOESPIRITUALIDADE EM TERRITÓRIO DE MĂE PRETA COMPAZI YAMORO</p> <p>3.1.6. O SAGRADO FEMININO E A MULHER CONTEMPORĂNEA SOB O OLHAR DA PSICOLOGIA</p>



3.1.7. MULHERES NA TRADIÇÃO: ALIMENTOS DA RESISTÊNCIA NA CONSTITUIÇÃO DA AGROECOLOGIA NO BRASIL¹

Roda de Convergência 2

- 3.2.1. AFRO PALADAR: MULHERES QUILOMBOLAS NUTREM A CULTURA MATO-GROSSENSE
- 3.2.2. O USO DO TERRITÓRIO POR MEIO DAS PRÁTICAS AGROECOLÓGICAS: TERRITORIALIDADES FEMININAS DA COMUNIDADE DONA JUSCELINA – MURICILÂNDIA (TO).
- 3.2.3. MULHERES DO MANGUE E DA RESTINGA: RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE AS MARISQUEIRAS E CATADORAS DE MANGABA DO MUNICÍPIO DE ESTÂNCIA, LITORAL SUL DE SERGIPE, BRASIL.
- 3.2.4. OS SABERES E USO DE PLANTAS MEDICINAIS PELAS MEIZINHEIRAS DO CARIRI CEARENSE E O DIÁLOGO COM O TERRITÓRIO E A SAÚDE.
- 3.2.5. RIOS DA VIDA: UMA ANÁLISE DA PARTICIPAÇÃO DE LIDERANÇAS DE MOVIMENTOS SOCIAIS NA PLENÁRIAS DAS MULHERES NO IV ENA
- 3.2.6. CÍRCULOS DE MULHERES: UMA PROPOSTA ECOFEMINISTA PARA A SUSTENTABILIDADE DOS MOVIMENTOS FEMINISTAS E DETERRITÓRIOS
- 3.2.7. O USO DO TERRITÓRIO POR MEIO DAS PRÁTICAS AGROECOLÓGICAS: TERRITORIALIDADES FEMININAS DA COMUNIDADE DONA JUSCELINA – MURICILÂNDIA (TO)
- 3.2.8. O INVISÍVEL TORNANDO-SE VISÍVEL: o protagonismo da mulher indígena na formação social da Amazônia.

NECESSIDADES: 4 COORDENADORAS

OBSERVAÇÃO: Minha participação será de ouvinte não tenho disponibilidade para coordenar alguma atividade. Se por um acaso seja possível indicar quem não se inscreveu eu indico: Rosa Marques, Piedade, Vera Barone, Mônica Oliveira são todas do Recife da Rede de Mulheres Negras de Pernambuco.

Referências Bibliográficas:

- Acosta, A. (Octubre de 2010). El Bien Vivir en el camino del post-desarrollo. Una lectura desde la Constitución. Santiago de Chile: Fundación Friedrich Ebert, FES-ILDIS. Obtenido de https://www.fuhem.es/media/cdv/file/biblioteca/Analisis/Buen_vivir/Buen_vivir_posdesarrollo_A._Acosta.pdf
- Acosta, A. (2012). O Bien Vivir, uma oportunidade de imaginar outro mundo. En H. Böll-Stiftung, Um Campeão Visto de Perto. Uma Análise do Modelo de Desenvolvimento (págs.198-37 216). Rio de Janeiro: Heinrich Böll Foundation. Obtenido de https://br.boell.org/sites/default/files/democracia_inside_a_champion_port_final.pdf
- Aparicio Wilhelmi, M. (Janeiro - junho de 2013). Rumo a uma justiça social, cultural e ecológica: o desafio do Bem Viver nas constituições do Equador e da Bolívia. Meritum, VIII(1), 313-350. Obtenido de <http://www.fumec.br/revistas/meritum/article/view/1789/1160>



Bernal, Boris Orlando Hernández. Artistas Del bienviviren Brasil y sus aproximaciones em La educacion superior. repository.usta.edu.co/bitstream/handle/.../Hernandez2018.pdf.

Carmen Dora Ferreira – A mulher negra na construção do Brasil, SP observatório do Terceiro Setor, março 2014.

Carta do Encontro Temático “A atuação das Mulheres na construção da Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional” realizado nos dias 08 a 09 de julho de 2015 em Porto Alegre – RS, como parte do processo preparatório da 5ª Conferência Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional.

I Conferência sobre Mulheres Rurais da America Latina e Caribe no ano Internacional da Agricultura Familiar Carta das Mulheres Rurais, camponesas, Indígenas, Negras, Quilombolas, da America Latina e Caribe. Mulheres da America Latina e caribe Avante Avançar e Preciso. Carta de Brasília. Brasília, 12 de novembro de 2014.

Emma Siliprandi. Soberania Alimentaria y Ecofeminismo. DoctoraenDesarrolloSustentable: Investigadora del Núcleo de Estudios e InvestigacionesenAlimentación de laUniversidad Estadual de Campinas (NEPA/UNICAMP). Contacto: emma.siliprandi@gmail.com.

<http://www.pnud.org.br/rdh/>

<http://www.ipea.gov.br/pub/td/tda2001a.html>

Vianna, Dyarley, 15/03/2019, na publicação do Inesc, Mulheres que lutam para serem reconhecidas como humanas.